



*Da série Acervo SPBSb
Obra doada por Franco Borgogno em 2007 em visita a Brasília*

147/1150

Francisco Borgogno

O telescópio de Copolla



Por Yesmin Aparecida Sarkis
Membro Associado da SPBsb

Dentre tantas coisas encontradas no intrigante e condensado trabalho de Freud intitulado *O estranho* (1919), atento para a referência ao conto *O homem da areia*, de E.T.A. Hoffmann, citado e analisado no texto freudiano, destaco o telescópio de Copolla.

No conto *O homem de areia*, o personagem protagonista Nataniel é atormentado por lembranças ligadas à morte misteriosa do pai. Em certas noites, sua mãe costumava mandar as crianças cedo para a cama, prevenindo de que O Homem de Areia estava chegando. A babá de Nataniel complementava a estória de terror: era um homem perverso que joga areia nos olhos das crianças quando estas não querem dormir e são desobedientes. Nataniel quis descobrir a aparência do Homem de Areia e a reconheceu no advogado Copélio – pessoa repulsiva que amedrontava as crianças quando aparecia para jantar. Mais tarde, Nataniel crê ter reconhecido esse fantasma de sua infância num oculista itinerante

chamado Giuseppe Coppola, de quem comprou um telescópio. Nataniel passa a enxergar coisas bizarras ao utilizar o telescópio comprado de Coppola e reage proporcionalmente.

Freud se ocupou do tema e cuidadosamente escolheu a palavra ‘estranho’ para determinado sentir que implica a ambivalência como característica. Na arquitetura da estética de Freud, o estranho é uma das categorias do assustador e remete ao conhecido, o já familiar. Mas algo tem que ser acrescentado ao familiar para torná-lo estranho e dar a esta qualidade do sentir o *status* de recalcado. Ainda dentro desta construção surge o duplo e a compulsão à repetição - a considerar como protótipos dos conceitos apresentados mais adiante no trabalho *Além do Princípio do Prazer*.

A brevíssima referência que faço ao conteúdo do trabalho *O Estranho* não deve se estender, sob o risco de seguir outros caminhos que não aquele que me propus, ou seja, o telescópio de Copolla e seu similar simbólico nos dias de hoje.

Os fascinantes equipamentos internáuticos servem como o filtro alucinógeno do telescópio de Copolla. O smartphone, por exemplo, tem recursos que proporcionam tanto de tantas coisas que cria, a partir do muito, a desorientação, a crença na livre escolha e a conseqüente angústia, o constante apelo do retorno do recalcado que, por sua vez, aciona o dualismo psíquico em auxílio e proteção frente ao suposto desconhecido projetado na tela. Esta mesma tela se organiza como a boneca Olímpia (que aparece na ópera de Offenbach, *Contos de Hoffmann*, e é uma boneca de

madeira em *O homem de areia*, cujos olhos foram colocados por Coppola, mas também foram olhos sangrentos atirados no peito de Nataniel), ou seja, torna-se organismo dinâmico.

A organização como elemento vivo - a WEB, a robótica, etc - está apenas engatinhando quando comparada ao eterno criar e recriar. E, caso a tratemos como elemento externo a nós, corremos o risco de usar tais organizações apenas como um telescópio de Copolla.

Assim como na vida psíquica, o espaço virtual não é linear e tem sido vivido como se vive no espaço não virtual, talvez com um pouco menos de censura, e não haveria de ser diferente, pois é da nossa natureza.

Importa discernir o uso da tecnologia como algo a ser vivenciado criativamente e não como objeto de projeção. O meio ambiente virtual é tão perigoso quanto o meio ambiente não virtual. Saber disso não diminui a estranheza, na medida em que este sentimento surge de alusão ao recalcado, da ameaça do retorno do conhecido primevo. A aquisição da capacidade para usar um objeto passa pelo reconhecimento de sua existência autônoma, e não autômata, e este é fator imprescindível para a efetivação da vivência na virtualidade. Afinal, parafraseando Terêncio, nada do que é virtual me é estranho.

Congresso de Cabo Verde debate rotas da escravidão

Por Helena Daltró Pontual
Editora do BI



Será realizado de 15 a 18 de novembro deste ano, em Cabo Verde, o próximo Congresso de Psicanálise em Língua Portuguesa, na cidade de Mindelo, ilha de São Vicente, cujo tema é “Rotas da Escravidão”. Localizado num arquipélago formado por dez ilhas vulcânicas no Atlântico, Cabo Verde foi o primeiro assentamento europeu nos trópicos, descoberto pelos exploradores portugueses no século XV, e considerado, à época, local ideal para o comércio de escravos no Atlântico.

A organização do Congresso de Psicanálise é feita pelas Comissões Portuguesa, Brasileira e Cabo-Verdiana, sob o leque da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). A Comissão Brasileira é coordenada por Ignácio Paim (SBPdePA) e Leda Hermann (SBPSP), contando ainda com assessoria de Ney Marinho (SBPRJ).

A independência de Cabo Verde de Portugal ocorreu em 1975, momento

em que os habitantes daquele país emigraram para todo o mundo, de tal forma que a população no século XX, com mais de meio milhão de pessoas nas ilhas, é igualada pela diáspora cabo-verdiana na Europa, na América e na África. O Português é a língua oficial do país, usada na documentação oficial e administrativa, nos meios de comunicação e educação escolar. Mas na fala oral é muito utilizado o crioulo cabo-verdiano, que mescla o português arcaico com as línguas africanas.

De acordo com dados oficiais do governo da República de Cabo Verde, o país tem população estimada em 540.238 habitantes, com esperança de vida de 62 a 65 anos para homens e mulheres, respectivamente. O regime político é a democracia parlamentar, com sufrágio universal, representação proporcional dos distritos eleitorais e separação dos poderes do Estado.

Por Helena Daltró Pontual
Editora do BI

Nosso editorial deste boletim é a manifestação da Febrapsi sobre os últimos acontecimentos políticos no país. Eis a nota:

“Quando a violência ocorre contra qualquer candidato, todos nós somos atingidos. Temos uma incipiente democracia. Ainda longe do ideal. Mas é o melhor que conseguimos até aqui. Eleições são os pilares que sustentam esse sistema, e uma das maneiras de aperfeiçoá-lo. O atual processo eleitoral é atingido por posições e reações extremadas. Nossos políticos têm abusado de discursos maniqueístas, o que estimula o ódio e seus consequentes desdobramentos. Em algumas situações, parece que o próprio processo democrático é utilizado para fins que não se coadunam com a democracia. Crimes por comida, água, território, sexo, poder (...) estão longe de ser a exceção na história da humanidade. Como psicanalistas podemos e devemos tentar entender nossas primitivas reações; entretanto, como bem lembrou Freud em sua entrevista para Viereck: “(...) a psicanálise não apenas nos ensina o que temos que suportar, ela também ensina o que temos que evitar. Ela nos diz o que deve ser eliminado. A tolerância do mal não é, de maneira nenhuma, uma consequência do conhecimento.” Quem é democrático é contra o discurso violento, assim como também é contra qualquer gesto violento. O democrático é contra a violência e a favor do diálogo. Quando a violência, física ou verbal, ocorre contra qualquer candidato, todos nós somos atingidos e a democracia perde para a barbárie. A Febrapsi repudia esse tipo de ataque. Entende que ele retroalimenta a violência e oferece justificativas para novos ataques contra a democracia, seus defensores e até seus detratores”.

Anette Blaya Luz
Presidente
Hemerson Ari Mendes
Diretor do Conselho Profissional

Eventos

A Diretoria Científica da SPBsb promoveu o evento aberto ao público *Um olhar para fragmentos da escravidão*, nos dias 29 e 30 de junho. O encontro teve as participações dos psicanalistas convidados Ney Couto Marinho (SBPRJ) e Fernanda de Medeiros Arruda Marinho (SBPRJ), além de colegas da SPBsb, Daniela Boianovsky, Teresa Lírio, Maria de Lourdes Teodoro, Silvia Helena Dutra de Carvalho Heimburger e José Costa Sobrinho.

Na foto à esquerda, uma das mesas do evento: Ney Marinho (esq.), Daniela Boianovsky e José Costa Sobrinho.

À direita, os convidados fazem um brinde no jantar de confraternização na casa de Maria José Miguel.



A Comissão de Comunidade e Cultura realizou o debate do filme *O mínimo para viver*, que contou as participações de Erika Reimann Franco (Instituto de Psicanálise), à esquerda, e Veridiana Canezin Guimarães (Instituto de Psicanálise), à direita, e teve mediação de Lúcia Eugênia Velloso Passarinho (centro), coordenadora da Comissão de Comunidade e Cultura. O evento foi realizado na SPBsb no dia 9 de junho.



A Comissão também promoveu a palestra *O que dizer sobre o autismo? Debate do filme O farol das orcas*, no dia 11 de agosto, na SPBsb.

À mesa, os debatedores Liliana Dutra de Moraes Avidos (SPBsb), à esquerda, Thiago Blanco (Unifesp e HBDF), à direita, e ao centro, a mediadora Daniela Yglesias de Castro Prieto (SPBsb).

Psicanálise e Transexualidade: construindo diálogos

Por Almira Rodrigues - Membro de enlace do Cowap-SPBsb

Larissa de Andrade - enlace de analistas em formação do IPVLB

O Grupo de Estudo “Sexualidade e Gênero” da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb) foi criado em fevereiro de 2016 com a proposta de se configurar como um espaço de reflexão e troca de ideias. Depois de mais de dois anos em atividade, o Grupo de Estudo - composto por analistas da Sociedade e candidatas do Instituto Virgínia Leone Bicudo, dentre as quais algumas integrantes do Comitê Mulheres e Psicanálise, Cowap-SPBsb -, passou por uma reestruturação, visando propiciar maior dinamismo e expansão aos debates.

Em agosto de 2018 decidiu-se pela realização de Encontros sobre Sexualidade e Gênero, promovidos pelo Cowap-SPBsb abordando temas específicos. Os encontros serão mensais e previamente divulgados com sugestão de leitura correspondente. Tais encontros serão abertos e gratuitos, tendo como inovação a abertura para a participação de pessoas interessadas fora dos quadros da sociedade e do instituto.

No encontro de setembro, o tema específico da discussão será transexualidade, tendo como base o texto de Thamy Ayouch “Da transsexualidade às transidentidades: psicanálise e gêneros plurais” (Percurso 54, p.23-32, junho de 2015). Consideramos que este é um importante tema na contemporaneidade, sendo fundamental conhecer as diversas perspectivas psicanalíticas sobre a questão, bem como estabelecer

um diálogo com os demais discursos, como o médico e o jurídico.

Historicamente, a psicanálise contribuiu para a patologização do fenômeno transexual, a partir de duas grandes vertentes, segundo o autor mencionado acima: de Robert Stoller, que via o fenômeno como ilusão; e de Jacques Lacan, que o tratava como delírio. As referidas perspectivas vêm sendo desconstruídas por diversos autores contemporâneos, a exemplo de Thamy Ayouch e Leticia Glocer Fiorini. Esta vem trabalhando com a ideia de subjetivação sexuada, construída a partir do entrelaçamento singular de cada sujeito das diversas expressões de corpo, identidade de gênero e escolha de objeto. Nesse sentido, constituem-se múltiplas e diversas formas de subjetivação sexuada.

Gradualmente, num contexto complexo de disputas, mudanças vêm sendo realizadas no campo da saúde, justiça e cidadania que buscam afinar-se com as transformações sociais.

Em 1997, o Conselho Federal de Medicina (CFM) aprovou a realização de cirurgias de transgenitalização nos hospitais públicos universitários do Brasil, a título experimental. A despeito da Resolução CFM nº 1.652 de 2002, atualmente vigente, que reformulou os critérios e procedimentos médicos, somente em 2008 o Governo Federal oficializou as cirurgias de redesignação sexual no Sistema Único de Saúde (SUS). Em 2013, após a

execução de Ação Civil Pública, foi publicada a Portaria 2.803/13 a qual redefiniu e ampliou o Processo Transexualizador no SUS. A legislação atual dispõe, dentre outros itens, que a hormonioterapia só poderá ser iniciada a partir dos 18 (dezoito) anos de idade; e os procedimentos cirúrgicos serão iniciados a partir de 21 (vinte e um) anos de idade, desde que com indicação médica e acompanhamento de 2 anos por equipe multiprofissional.

Destacamos ainda a recente revisão do CID- edição 11 - publicado pela OMS em junho de 2018, a entrar em vigor em janeiro de 2022 -, que retira a transexualidade da categoria de “transtornos mentais”, passando a entendê-la como “incongruência de gênero” e inserindo-a na categoria de “condição relativa à saúde sexual”. Esta inserção valida as políticas públicas de atenção à saúde voltadas a esta população, bem como permite o reconhecimento legal e social da identidade de gênero da pessoa “trans” partindo de um viés outro, não psiquiatrizante. Cabe lembrar que apenas em 1990, quando da aprovação do CID-10, a homossexualidade deixou de ser considerada como uma doença, o que acontecia desde 1948.

Ressaltamos ainda o Decreto nº 8.727/2016, que dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da

continua na página 6

Caiuby Marques Trench

Por Tito Nícias Rodrigues Teixeira
Analista didata da SPBsb

(continuação do texto pág. 5)

administração pública federal direta, autárquica e fundacional e, no âmbito da Educação, a Portaria nº 33 de 17/01/2018, do MEC, a qual define o uso do nome social de travestis e transexuais nos registros escolares da Educação Básica do País, para alunos maiores de 18 anos.

Em março de 2018, o Supremo Tribunal Federal (STF) autorizou, por unanimidade, a possibilidade de pessoas transgênero alterarem nome e gênero em registro civil, independentemente da realização de cirurgia de redesignação sexual, de decisão judicial de autorização do ato e de validação médica. Em fins de junho do mesmo ano, a Corregedoria Nacional de Justiça regulamentou esta alteração, por meio do Provimento n. 73. Essa norma estabelece três regras: que a alteração deve ser feita em cartório, de prenome e gênero nos registros de casamento e nascimento de pessoas transgênero; a alteração das certidões não exige a comprovação da cirurgia de mudança de sexo nem de decisão judicial; as pessoas maiores de 18 anos, "habilitadas às práticas dos atos da vida civil", podem solicitar tais alterações em consonância com a identidade auto percebida. Como se vê, é urgente que a psicanálise adentre a discussão dessa temática a partir da ética da clínica da singularidade dos sujeitos, o que significa, por outro lado, o reconhecimento da diversidade sexual e de gênero e os direitos desses sujeitos na contemporaneidade.

A notícia da morte do Caiuby revolveu uma série de experiências vividas com ele, todas bastante pretéritas, de vinte anos para trás, e exigiu bastante da memória.

Ele participou da primeira turma de psicanalistas de Brasília formada por Virgínia Bicudo, era um dos seis. Naquela época, 1970, era o psiquiatra que tinha a maior clínica de Brasília, era muito conhecido na cidade, sempre citado nas colunas sociais da época.

Caiuby era moderno, atualizado com os acontecimentos da época, gostava de conversar sobre Política, Filosofia e Cinema. Às vezes tínhamos longas e gostosas conversas sobre os filmes que tínhamos visto, atores, diretores, personagens que nos tinham encantado e, com frequência, acabávamos testando o conhecimento um do outro: quem foi o diretor de tal filme? O ator? A atriz? Quem fez isto ou aquilo? Também longas conversas sobre a situação política do Brasil e do mundo.

Quando começamos o curso de formação, com os professores que vinham de São Paulo, nossas primeiras aulas foram na sala do apartamento onde ele morava. Compramos seis carteiras escolares, uma poltrona para o professor, estava montada nossa primeira sala de aulas. Depois das aulas sempre saíamos para jantar com o professor da vez, sempre.

Os jantares ofereciam a oportunidade para falarmos de comida, o modo de preparo, as

preferências etc. E este era um de seus assuntos prediletos, o Caiuby cozinhava muito bem, muito bem mesmo! Várias vezes foi à minha casa para fazer o almoço. E ele gostava tanto que, ao se cansar do consultório, abriu um restaurante no Lago Sul e manteve uma clientela que apreciava bastante o mestre-cuca que ele era.

O Caiuby também tinha uma inquietação e turbulência internas que provocava muitos movimentos. A partir do encerramento de seu restaurante o contato com ele foi diminuindo cada vez mais e era difícil saber por onde andava e o que estava fazendo. Fechou o consultório mas dizia que seria um psicanalista Avon, atenderia na casa do paciente.

Depois fiquei sabendo que havia aberto um restaurante em Pirenópolis, que não cheguei a conhecer e praticamente não tive mais notícias dele, a não ser que não estava mais em Pirenópolis. Caiuby deixou boas lembranças e contribuiu muito para a integração daquele primeiro grupo. Certamente existem outras coisas interessantes a serem ditas, mas já faz tanto tempo...

Nota da redação: Caiuby de Azevedo Marques Trench nasceu em Ourinhos (SP), em 15/10/1929, e morreu em 06/09/2018, sendo cremado no dia seguinte, no Cemitério da Vila Alpina, na capital paulista. Deixou seis filhos e seis netos, muitas saudades e amigos.

Homenagem a Luis Kancyper

Por José Carlos Calich
Membro associado da SPPA

Quando se perde um grande amigo, vai-se uma referência, vai-se intimidade, vai-se história, vai-se um pedaço. Quando esse grande amigo é iluminado, vai-se um fecho de luz, um farol. Luis Kancyper era um homem iluminado. Culto, agradável, generoso, sincero, com enorme capacidade intelectual, talento expositivo – verbal e escrito – e grande sensibilidade no contato com os outros.

Conheci Luis há aproximadamente 20 anos. Passamos a nos encontrar e jantar juntos sempre que estávamos na mesma cidade, o que foi se tornando cada vez mais frequente e prazeroso. As facilidades do contato por e-mail e telefone aumentaram as trocas sobre todo tipo de assunto, desde temas psicanalíticos de nosso interesse, a nossas ideias e vidas pessoais.

Luis era médico, psicanalista e membro titular com funções didáticas da Asociación Psicoanalítica Argentina (APA), onde era professor de seu Instituto de Psicanálise, tendo sido



também seu secretário científico.

Era considerado um ótimo analista, professor, supervisor e um escritor superlativo. Publicou onze livros de sua autoria, traduzidos a outros idiomas além do espanhol, participou com capítulos em outros tantos e produziu um grande número de artigos para revistas de Psicanálise argentinas, brasileiras e internacionais.

Seus temas principais foram a amizade do ponto de vista psicanalítico, o confronto geracional, o ressentimento, a adolescência e o complexo fraterno – um dos primeiros autores psicanalíticos a desenvolver o tema de um complexo que complementa o Complexo de Édipo. Porém, na base destes temas estava seu interesse pela família e suas configurações, o narcisismo e a alteridade, a metapsicologia, o ódio, a paixão e o amor.

Em seus escritos transitava pela literatura de forma consistente e esclarecedora. Escreve, dentre outros, sobre Jorge Luis Borges, Albert Camus, Franz Kafka e Sandor Marai. Era um conhecedor da cultura judaica e suas fábulas. Esse conjunto amplo de conhecimento e interesses permitiu que sua obra se movimentasse entre o real e o fantasiado, o presente e o ausente, a vida e a morte, o concreto e o simbólico, produzindo figuras e metáforas que tornaram seus textos atraentes e pujantes.

Não só gostava de escrever, como dizia que escrever era um ato vital, que lhe ajudou muito em momentos difíceis que passou em sua vida.

Dizia que sua vida era alimentada pelo amor recíproco que tinha com sua esposa Judith, com seus filhos, netos e amigos.

Sobre a amizade – seu último livro e um tema original em psicanálise – suas reflexões falam de uma capacidade

que necessita de um processo, que envolve admiração, empatia não possessiva e confiança. Fala na relação entre afetos e o poder. Sobre a diferença entre ter amigos verdadeiros e estar com um outro para não perder a ele ou ao poder que representa, não para amá-lo ou compartilhar. Sobre aqueles que não podem ter amigos e criam inimigos constantemente ou que necessitam sempre uma comparação.

Uma vez me escreveu: “Un amigo duplica las alegrías y divide las tristezas por la mitad”.

Todos perdemos a Luis, seus ensinamentos, convívio e luz. Teremos seu grande legado, mas vamos ter que nos acostumar a essa nova escuridão.

(Luis Kancyper morreu dia seis de agosto de 2018)

NOTÍCIAS

Intercâmbio

Participação externa

Em 23 de junho, presidente da SPBSb, Roberto Calil Jabur, participou da Assembleia de Delegados da Febrapsi, que ocorreu em São Paulo.

Biblioteca

Livros

A biblioteca da SPBSb adquiriu os livros *Obras completas Freud - 1937-1939, volume 19* e *Obras incompletas de Freud: amor, sexualidade, feminilidade*.

Dor psíquica

A biblioteca da SPBSb recebeu como doação de Helena Daltro Pontual o livro *Dor psíquica, dor corporal – uma abordagem multidisciplinar* (São Paulo: Blucher, 2017), organizado por Victoria Regina Béjar, membro efetivo da SBPSP. O livro, do qual Helena participou das revisões de textos e também escreveu um capítulo, foi elaborado a partir dos resultados do trabalho do Grupo de estudos e investigação das expressões corporais da dor psíquica: dor crônica e psicossomática psicanalítica, da SBPSP.

Diretoria científica

Reuniões científicas

Em 15 de agosto, aconteceu a palestra “Psicanálise extra-muros: as particularidades da experiência Balint na formação médica”, apresentada pelos colegas da SPBSb Alexandre Pantoja, Ana Alba Mafra, Daniela Boianovsky, Eliana Cunha Machado, Lúcia Cristina Pimentel, Márcia Vasconcelos, Maria Fátima Silveira e Maria Fernanda Lenzi.

No dia 24 de agosto, o psicanalista José Carlos Calich, da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, apresentou em reunião científica a palestra “Sexual, mas não instintivo; Mental, mas não psíquico; Tradutor, mas não decodificador: os aparentes paradoxos no modelo ‘da alma humana’ de Jean Laplanche”. No dia 25, o colega Carlos Wilson de Andrade Filho apresentou um seminário clínico com coordenação de Calich.

Evento

Regional ABC - Centro-oeste



Um momento de muita inspiração foi o Encontro Regional da ABC no Centro Oeste, reunindo colegas em formação psicanalítica de todo o Brasil no mês junho de 2018 em Brasília.

A colaboração da AMIP de Brasília foi fundamental para conseguirmos a integração entre os membros da ABC, a discussão sobre a formação e o envolvimento na vida institucional (4º eixo da formação).

Por Alexandre da Costa Pantoja
Vice-presidente ABC

CURSOS E GRUPOS DE ESTUDO

Grupo de estudos preparatórios - Congresso de Psicanalistas de Língua Francesa 2019

Coordenação: Sílvia Helena Heimburger
Um sábado por mês - 16h

Grupo de Estudos Psicanálise vincular: Família e Casal

Coordenação: Comissão de Psicanálise vincular: família e casal (Lúcia Eugênia Velloso Passarinho, Ana Velia Vélez de Sánchez Osella, Maria José Miguel e Nize Nascimento)
Encontros quinzenais - Quartas-feiras - 19h

Grupo de Estudos - Conversas Livro Anual

Coordenação: Teresa Cristina Peixoto, Maria Nilza Campos e Sancha Benvindo Lopes
Uma sexta-feira por mês - 16h

Encontros - Sexualidade e Gênero - Cowap-SPBs

Coordenação: Almira Rodrigues e Larissa Rodrigues
Uma quinta-feira por mês - 20h30

Estudos literários: contribuições à psicanálise

Coordenação: Carlos de Almeida Vieira
3º sábado do mês - 9h

Temático teórico na Obra de Freud

Coordenação: Carlos de Almeida Vieira
3º sábado do mês - 15h

Seminários de Psicanálise - Wilfred R. Bion

Coordenação: Carlos de Almeida Vieira
Uma quinta por mês - 20h

AGENDA

SETEMBRO

5 - Reunião do Cenapp
Apresentação: Joana Beatriz Rodrigues
Comentários: Luciano W. G. Lírio

12 - Reunião de Diretoria

21 - Seminário clínico
Apresentação: Lúcia Velloso Passarinho
Coordenação: Lia Colussi Cypel (SBPSP)

22 - Palestra "O adolescente e a família nos tempos atuais: questões e reflexões"
Apresentação: Lia Colussi Cypel (SBPSP)
Coordenação: Lúcia Velloso Passarinho

26 - Apresentação do 1º Relatório de Supervisão
Apresentação: Alice Maranhão Valença
Coordenação: Maria de Fátima Rebouças Malva

OUTUBRO

17 - Apresentação do 1º Relatório de Supervisão
Apresentação: Veridiana Canezin Guimrães
Coordenação: Márcio Nunes de Carvalho

19 - Palestra "a construção do sujeito e a psicanálise: dimensões psíquicas e culturais"
Apresentação: Silvana Rea (SBPSP)

20 - Seminário clínico "Bastidores de uma análise: expressionismo e clínica psicanalítica"
Apresentação: Silvana Rea (SBPSP)

24 - Reunião científica
"Cisão do eu: do estrutural ao psicopatológico"
Apresentação: Cláudia Aparecida Carneiro
Comentários: Maria de Fátima Rebouças Malva

31 - Roda de conversa
Ecos do Congresso da Fepal

O ESTRANHO
De **19** a **22**
JUNHO 2019
INCONFIDÊNCIAS

XXVII CONGRESSO
BRASILEIRO DE
PSICANÁLISE

OURO MINAS
PALACE HOTEL
BELO HORIZONTE
WWW.FEBRAPSI.ORG

FEBRA PSI
FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

sbpMG
SOCIEDADE
BRASILEIRA DE
PSICANÁLISE
DE SÃO PAULO

Des-construções e Transformações

32º Congresso latino-americano de psicanálise

26 a 29/9/2018

Fepal - Lima

Informações: fepal.org

XXVI Encontro Inter-regional de Psicanálise de

Criança e Adolescente da Fepal

**Dilemas da infância e da adolescência: identificação
e gênero**

5 e 6/10/2018

SBPSP - São Paulo

Informações: sbpsp.org.br

Atividade Comemorativa SPPA 55 anos e Revista 25 anos

O sujeito contemporâneo

Entre o público e o privado

26/10/2018

SPPA - Belo Horizonte

Informações: sppa.org.br

Celebration Centenary Conference - 1920 - 2019

**The psychoanalytical Core: encountering & speaking
to the unconscious**

19 e 20/10/18 - Nova Iorque

13 e 14/04/19 - Buenos Aires

20 e 21/07/19 - Londres

The International Journal of Psychoanalysis

Informações: graine.lucey@iopa.org.uk

XXIII Jornada de Psicanálise e XIX Encontro de

Psicanálise da Criança e do Adolescente

9 e 10/11/2018

SPR - Recife

Informações: spr-pe.org.br

Congresso de Psicanálise em Língua Portuguesa

Rotas da escravidão

15 a 17/11/2018

Febrapsi - Mindelo - Cabo Verde

Informações: febrapsi.org

XXVII Congresso Brasileiro de Psicanálise

O estranho - Inconfidências

19 a 22/06/2019

Febrapsi - Belo Horizonte

Informações: febrapsi.org

DIRETORIA

Presidente: Roberto Calil Jabur

Secretária: Líliliana Dutra de Moraes Avidos

Tesoureira: Maria de Lourdes Zilli Guimarães

Diretor Científico: José Costa Sobrinho

Diretora do Instituto: Sílvia Helena Dutra de Carvalho Heimbürger

BIBLIOTECA

Responsável: Líliliana Dutra de Moraes Avidos

BOLETIM INFORMATIVO

Editora: Helena Lopes Daltro Pontual

Revisão: Cláudia Carneiro

CENAPP - CENTRO DE ATENDIMENTO E PESQUISA EM PSICANÁLISE

Coordenação: Lúcia Cristina Pimentel

Membros: Luciano Antunes Figueiredo Sousa, Paola Amendoeira.

CoGeSe - COMISSÃO DE GESTÃO DO SISTEMA DE ENCAMINHAMENTO DE PACIENTES DA CLÍNICA DA SPBsb

Membros: Isa Maria Lopes Paniago, Roberto Calil Jabur, Sylvain Nahum Levy

Auxiliar da comissão: Maria Fátima Silveira dos Santos

COMISSÃO DE COMUNIDADE E CULTURA

Lúcia Eugênia Velloso Passarinho (coordenadora), Maria Fernanda Lenzi, Maria

José Miguel, Maria Stella Winge e Nize Nascimento

COMISSÃO DE DIVULGAÇÃO E IMPRENSA

Cláudia Carneiro (coordenadora), Cíntia Xavier de Albuquerque e Helena Daltro Pontual

COMISSÃO DE ENSINO

Sílvia Helena Heimbürger (coordenadora), Luciano W. G. Lírio, Maria de Fátima

Malva, Maria Sílvia R. M. Valladares e Tito Nícias Rodrigues Teixeira da Silva

COMISSÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Maria Stella Winge (coordenadora)

CONSELHO DE DIDATAS

Roberto Calil Jabur (coordenador), Ambrozina Amália Saad, Avelino Neto, Carlos

de Almeida Vieira, Daniel Emídio de Souza, Delza Maria Araújo, José Nepomuceno

Filho, Lúcia Helena Meluzzi, Márcio Nunes de Carvalho, Maria de Fátima Malva,

Regina Lúcia Braga Mota, Ronaldo M. de Oliveira Castro, Selma de Oliveira Porto,

Sílvia Helena Dutra de Carvalho Heimbürger, Tito Nícias Teixeira da Silva

CONSELHO DE ÉTICA

Titulares: Maria Sílvia Regadas de Moraes Valladares, Tito Nícias Rodrigues

Teixeira da Silva e Ronaldo Mendes de Oliveira Castro

Suplentes: Avelino Ferreira Machado Neto, Maria Fernanda Cardoso Lenzi e

Maria Helena Lima de Oliveira Castro

REVISTA ALTER

Pedro de Andarde Calil Jabur (editor)

Conselho editorial: Ana Alba Mafra, Carlos Wilson de Andrade Filho, Marcio Nunes

de Carvalho, Maria Lúcia Ferreira Alvarenga, Sancha Maria Benvindo Lopes

Teresinha de Jesus Rodrigues Lírio e Veridiana Canezin Guimarães

SETOR DE PSICANÁLISE DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Ana Velia Vélez de Sánchez Osella (coordenadora) e Líliliana Dutra Avidos

(secretária)

COMISSÃO DE PSICANÁLISE VINCULAR: FAMÍLIA E CASAL

Lúcia Eugênia Velloso Passarinho (coordenadora)

Membros: Ana Velia Vélez de S. Osella, Maria José Miguel e Nize Nascimento

SECRETARIA ADMINISTRATIVA

Lannusa Castro

Flávia Alvim

EXPEDIENTE

Boletim Informativo da SPBsb - edição trimestral

Editora responsável: Helena Lopes Daltro Pontual

Revisão e editoração: Cláudia Carneiro e Lannusa Castro

Sociedade de Psicanálise de Brasília SPBsb

SHIS QI 09 Bl. E-1 sala 105 - 71625-175

Brasília-DF - (61) 3248-2309 - spbsb@spbsb.org.br - spbsb.org.br